



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Obediência e desobediência no seguimento de Jesus: um estudo a partir da epístola de Judas

Obedience and disobedience in following Jesus:
a study from the Epistle of Jude

José Neivaldo Souza*

Resumo

A epístola de Judas se coloca à igreja como uma orientação importante no agir pastoral. Ao exortar os fiéis a perseverarem no caminho daqueles que, em Jesus Cristo, anunciaram a salvação e rejeitaram os ensinamentos que visam promover os interesses individuais e ideológicos, o autor orienta e alerta a igreja quanto à renúncia do mal: ela deve observar a realidade e saber identificar os ensinamentos acerca da salvação face às doutrinas oriundas do desejo de poder, de riqueza e prazer. O propósito deste estudo é analisar a carta a partir de uma pergunta importante para a igreja hoje: como discernir uma mensagem capaz de orientar ao amor, de discursos que visam interesses próprios, sem preocupação social? Nesta direção, o caminho a seguir nesta reflexão é: abordar o texto, sua estrutura e conteúdos correlatos; evocar do contexto sócio-histórico-religioso algumas pistas que ajudam na análise do texto e, por fim, buscar uma teologia que facilite respostas à pergunta feita ao texto.

Palavras-chave

Judas. Desobediência. Jesus Cristo. Obediência. Salvação.

Abstract

The Epistle of Jude is placed to the church as an important guidance in pastoral action. To urge the faithful to persevere in the path of those who, in Jesus Christ, announced salvation and rejected the teachings to promote individual and ideological interests, the author guides and alert the church regarding the renunciation of evil: it must observe reality and able to identify the teachings about salvation face the doctrines derived from the desire for power, wealth and pleasure. The purpose of this study is to analyze the letter from an important question for the church today: how to discern one message capable of guiding the love of speeches aimed own interests without social concern? In this direction, the way forward in this reflection is: approach the text, its structure and related content; evoke the socio-historical and religious context clues to help in the analysis of the

[Texto recebido em outubro de 2015 e aceito em dezembro de 2015, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Mestre em Filosofia (Universidade Angelicum de Roma). Mestre em Psicologia Clínica (Universidade Tuiuti/PR). Doutor em Teologia (Universidade Gregoriana de Roma). Professor e pesquisador no Programa de Mestrado das Faculdades Batista do Paraná. E-mail: neivaldo.js@gmail.com

text, and finally, seek a theology that facilitates answers to the question posed to the text.

Keywords

Judas. Disobedience. Jesus Christ. Obedience. Salvation.

Introdução

Entende-se que toda leitura Bíblica deve ser atualizada e, se assim não o for, de nada servirá a não ser para algumas informações acerca da história, da geografia e da cultura antiga. Alguns estudiosos perguntam: o que motivou os escritores hebreus a escrever sobre a salvação? A resposta não é difícil quando se faz uma leitura mais atenta das Sagradas Escrituras, pois se percebe que tal motivação diz respeito a uma relação de temor e amor face ao sobrenatural. O autor, inserido na comunidade, relata sua própria condição nesta relação.

Esta história se atualiza todas as vezes que o leitor, comprometido com sua comunidade de fé, é capaz de enxergar hoje o mesmo espírito motivador do passado e, a partir daí, encontrar testemunhos que o ajudam a ser parte de um corpo: o povo de Deus. Assim, ao perguntar sobre a situação do povo de Deus hoje, o leitor, motivado por estas vivências, nada mais faz senão olhar para trás e pedir ao texto sagrado luzes que possam iluminar a realidade presente.

Nesta linha, encontra-se a motivação de Judas que, não só foi autor de uma carta pastoral, mas leitor do Antigo Testamento e de histórias que contavam e escreviam acerca de uma cultura arquetípica dos hebreus. Judas motiva hoje, através de sua carta, aqueles que também se interessam pela história da salvação e vêm em Jesus Cristo sua completa revelação. O seu texto, curtíssimo por sinal, exorta os fiéis a viverem perseverantes na fé do povo de Deus.

Como Judas identifica esta fé? Para ele, não é uma fé que manipula resultados em favor de interesses próprios e tampouco se encaixa a uma divindade alienada da história, mas uma fé genuína como a dos antigos profetas e dos apóstolos. Sua proposta é que a comunidade cristã não cultive o individualismo e renegue qualquer divindade que não seja aquela encarnada e revelada em Jesus Cristo. Esta proposta se coloca ao leitor contemporâneo, ajudando-o, dentro de sua comunidade de fé, a identificar os discursos teológicos enganosos.

Uma leitura mais atenta desta carta vai ajudar o leitor a discernir o que é vontade de Deus e interesses que nascem do desejo de poder, de riqueza e prazer, puramente de indivíduos. Considerando estes pressupostos, o objetivo deste ensaio é apresentar Judas a fim de ajudar aqueles que hoje passam pelas mesmas dificuldades do autor, principalmente quanto ao discernimento da verdade que liberta. Assim o que se propõe como método é uma análise do conteúdo e estrutura da carta; o contexto sócio-histórico-

religioso, o chão em que o texto foi produzido e, por fim, a teologia do autor e sua pertinência na comunidade cristã hoje.

O texto: conteúdo e estrutura

A carta de Judas, além de ser um dos muitos escritos conservados até hoje, testemunha a expansão, no grego *koiné*, da boa notícia da salvação, anunciada por Jesus de Nazaré. Escrita numa folha de papiro, provavelmente vinda do Egito, foi enrolada, selada e endereçada a uma comunidade cristã. Como a maioria das cartas antigas, ela apresenta um modelo comum: faz uma apresentação inicial do remetente e saúda ao destinatário desejando-lhe paz e saúde. Depois, desenvolve, em poucas linhas, o seu objetivo e termina com uma exaltação Àquele que é o motivador de tal comunicação: o único Deus que, mediante Jesus Cristo, fortalece a fé e ajuda a discernir sobre o certo e errado.

Por que esta carta foi escrita em grego se todo Mediterrâneo estava sob o Império Romano? No século III a.C. o Império Grego dominou todo o mediterrâneo; Alexandre, o Grande, havia implantado uma política de expansão da cultura helênica a todas as colônias dominadas e a língua grega, antes da dominação romana, no segundo século, foi bem assimilada na Itália de forma que também sob a dominação romana fora bem falada, como confirma Eduard Lohse:

Havia muito que a cultura grega entrara no país por meio das colônias gregas no sul da Itália, estabelecidas séculos antes. Todavia, só após a sujeição da Grécia pelos romanos, quando foram levados para Roma muitos escravos do Oriente que falavam a língua grega, esta conseguiu estabelecer-se na capital. Os romanos tinham consciência da superioridade cultural da Grécia, politicamente sem poder, e estavam abertos ao tesouro espiritual vindo de *Hellas*. Aprendiam a língua dos gregos, liam sua literatura, tentando imitar sua arte poética para aplicá-la à própria história.¹

Pode-se dizer, quanto ao destinatário da carta, que foi destinada a uma comunidade cristã, cuja maioria, recentemente convertida do judaísmo, sob a Graça de Deus, através de Jesus Cristo, se mantém perseverante pela força do Espírito Santo. O autor disserta sobre a salvação, mas exorta com mais ênfase à luta pela fé, já que é forte a tentação de se entregar à libertinagem e à pseudofilosofia cristã. Para que possa sobreviver, e manter a identidade construída pelos apóstolos, o fiel precisa agir rapidamente e se empenhar em discernir a verdadeira doutrina. Esta mensagem se estrutura de forma bem organizada, em forma de paralelos, estilo próprio dos escritores hebreus de sua época, como se vê abaixo:

A. Introdução: saudação aos *amados* de Deus Pai em Jesus Cristo 1-2

B. *Dever dos cristãos*: viver a fé e denunciar a libertinagem 3-4

¹ LOHSE, E. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 198-199.

C. Recorda a ação de Deus e desobediência dos ímpios 5-11

D. Os negadores de Deus: Comparações e metáforas 12-13

C'. Recorda a ação de Deus e a obediência dos profetas (Enoque)14-16

B'. *Ensino dos apóstolos*: viver a fé e denunciar o pecado 17-23

A'. Conclusão: exaltação ao *único Deus* através de Jesus Cristo 24-25

AA' - Tanto na saudação inicial, quanto na despedida, o autor exalta Jesus Cristo como o caminho através do qual Deus, a um só tempo, ama e é amado.

BB' - O dever dos cristãos vem do ensinamento dos apóstolos: viver a fé em Jesus Cristo e denunciar tudo o que leva ao pecado.

CC' - Diante da ação de Deus se percebe duas posturas diferentes: a desobediência dos ímpios e a obediência dos profetas e apóstolos.

D - A perícop-chave ou central (12-13) é cheia de metáforas, um artifício literário que, por comparação, substitui uma palavra por outra a fim de dar mais força à sua significação. Salienta que os falsos doutrinadores se interessam por si mesmos e, por isso, vivem mergulhados em festas e suas atitudes não têm nenhuma consistência:

Estes são os que se interessam por si mesmos e, como rochedos na água, vivem em festas; a si mesmos apascentam como nuvens sem água que vão para onde o vento leva; como as árvores outonais que, em plena estação dos frutos, são duplamente mortos, pois além de não produzirem frutos não têm raízes; Ondas bravias do mar expurgando suas sujeiras; estrelas errantes destinadas às trevas eternas.

Nos primeiros versículos, após a saudação (3-4), aparece o objetivo da carta: trabalhar pela fé, enquanto “conjunto de ensinamentos transmitidos à Igreja pelos apóstolos (v.17)”² e combater os argumentos libertinos que, ao negar Jesus Cristo, dão outro sentido à Graça de Deus e à salvação.

Nos versículos 5-11, Judas retoma a história dos Hebreus e ressalta a ação de Deus diante daqueles que o negaram, indicando que os ímpios, os que conhecem a verdadeira doutrina, mas a interpretam segundo suas próprias ideologias, sejam eles morais, espirituais ou intelectuais, terão de prestar contas ao Senhor da história. Traz à lembrança a saída da escravidão do Egito e a passagem por Sodoma e Gomorra, recordando que Deus destruiu os opressores e puniu os perversos.

Judas é desprovido de preconceito em relação à literatura apócrifa ao retomar uma história popular dos hebreus a fim de mostrar que muitos se dizem amigos de Deus, mas o negam na prática e isso se mostra na disputa do corpo de Moisés (apócrifo chamado:

² RADMACHER, Earl; ALLEN, Ronald; HOUSE, Wayne. *O Novo Comentário Bíblico NT, com recursos adicionais*: Palavra de Deus ao alcance de todos. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010. p. 750.

Assunção de Moisés)³ e do seguimento de revoltosos como Caim, Balaão e Corá. O espírito opositor destes personagens estará sempre no meio do povo.

A perícopes central (12-13), diz dos negadores de Deus e da fé cristã. Seguramente Judas leu no livro de Números o relato sobre a perversidade daqueles que trilham o caminho de Caim (Gn 4.3-8) e os compara, como nas metáforas de Provérbios (25-26), a “rochas submersas”, “pastores apascentando a si mesmo”, “nuvens sem água”, “árvores infrutíferas”, “ondas espumantes”, “estrelas errantes”. Vivendo em banquetes, eles buscam satisfazer seus desejos e, errantes, sem os verdadeiros valores, se entregam a qualquer crença e, através de argumentos bem montados, buscam convencer e converter os que têm fé em Cristo Jesus. Esta alerta, acerca dos perversos, está em conformidade com a Segunda de Pedro (2Pe 2.10-22).

Nos versículos 14-16, Judas acentua a ação de Deus através dos profetas. Enoque, o sétimo na descendência de Adão, denunciou os ímpios, cujas características chamam atenção: a murmuração, o pessimismo, a sensualidade, arrogância e ambição, práticas advindas da insensatez religiosa e do orgulho, ignorância acerca da salvação, do verdadeiro Deus e desejo de poder. Além disso, o adjetivo grego *asebes*, que aparece duas vezes no texto (Jd 4; 15), evoca outros sinônimos no Novo Testamento (Rm 4.5;5.6; 1Tm 1.9; 1Pd 4.18; 2Pd 2.5; 3.7) como: incrédulo, perverso, opositor e desobediente a Deus.⁴ Judas leu o livro apócrifo de Enoque sob uma perspectiva cristológica, isto é, a partir da certeza de que Cristo vive, assim como escreve Carlos Mesters: “Cristo está como que do nosso lado, olhando conosco para o Antigo Testamento, clareando-o com a sua luz e ajudando-nos a entendê-lo”.⁵

Os profetas neotestamentários, à luz dos antigos, estão ligados ao Salvador e querem “restaurar e perpetuar sua obra e sua mensagem, ao mesmo tempo em que esperam a intervenção escatológica de Deus para estabelecer uma nova ordem”.⁶ Eles não são revolucionários e nem críticos políticos, mas inseridos numa comunidade de fé, celebram o culto e exercem suas funções de cuidado enquanto vivem na expectativa da volta de Cristo.

Este texto provavelmente emana do cristianismo helênico, como a maioria dos textos neotestamentários, “deixando aberta a possibilidade de que o papel dos profetas e a compreensão da sua mensagem tenham sofrido modificações no momento em que a fé cristã deixou seu meio de origem: a Palestina”.⁷

³ Nos textos bíblicos, não se encontra a passagem onde o arcanjo disputa com Satanás o corpo de Moisés e tampouco sobre o livro de Enoque (v.14), cuja referência só se encontra em Gn 5.21-24.

⁴ VINE, W. E.; UNGER, M. F.; WHITE JR, W. *Dicionário Vine*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. p. 704.

⁵ MESTERS, Carlos. *A Bíblia na Nova Evangelização*. Rio de Janeiro: Cadernos CRB, 1990. p. 47.

⁶ BONNEAU, Guy. *Profetismo e Instituição no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 29.

⁷ BONNEAU, 2003, p. 29.

Os versículos 17-23 são exortativos. O autor pede que os fiéis se lembrem das palavras de Jesus Cristo, proferidas pelos apóstolos. Tais palavras são alertas sobre os falsos profetas, os que vivem segundo suas paixões promovendo divisões e, por não se importarem com os valores do Reino de Deus, são desprovidos do Espírito Santo. O autor exorta aos fiéis a se fortalecerem na Santíssima Trindade: orando no Espírito Santo, buscando o amor de Deus Pai e a misericórdia do Filho Jesus.

Os versículos 24-25 são conclusivos. A carta termina com uma exaltação a Deus, mediante Jesus Cristo, o único salvador, aquele que era, é e será, dando a entender que a vontade e a inteligência humana, sem a Graça de Deus, de nada valem.

O contexto sócio-histórico-religioso

Ao perguntar sobre o contexto sócio-histórico-religioso do texto, o leitor volta-se para o chão ou a realidade sobre a qual foram produzidos os escritos. Às vezes, o próprio texto ajuda a identificar o contexto, trazendo dados como personagens, cenas, situações da época, etc.. Quanto aos dados da própria carta, dificilmente encontra-se aqui pistas diretas que chamem atenção, porém há indicações históricas implícitas como, por exemplo, a menção à doutrina dos falsos mestres que, como se sabe, tinha o objetivo de misturar as religiões dos mistérios ao conhecimento filosófico e à fé cristã.

Para W. Harrington, apesar do texto não oferecer dados suficientes sobre a heresia combatida por Judas, “os indícios, entretanto, são de que fosse um começo de gnosticismo”. De fato, alguns deles se encontram no texto: ela perverte a doutrina da igreja colocando em risco a fé cristã (v.3; v.19); dissemina sua doutrina em favor da riqueza e do poder (v.16). Segundo este autor, esta falsa doutrina é comparada à dos nicolaítas descritos em Apocalipse (2.14-16).⁸

Na época, havia grande insegurança em relação à vida, devido não só às questões de injustiça social, mas em relação à saúde física e espiritual. Vivia-se uma grande incerteza levando uma multidão à busca de milagres que afastam os males do corpo e da alma. As “religiões dos mistérios”, cujos rituais e liturgia somente os iniciados conheciam, traziam soluções imediatas oferecendo salvação à alma e cura das doenças corporais.

A carta foi escrita num momento de efervescência religiosa no Império Romano. Roma abriu as portas aos deuses orientais, difundindo assim um pluralismo religioso favorável ao sincretismo de crenças. Os deuses estrangeiros eram venerados e adorados: os egípcios Osíris e Isis; Adônis da Síria; Átis e Cibele da Frígia e Mithra da Pérsia. Havia certa tolerância e o fiel podia circular livremente e cultuar a divindade que melhor respondesse aos seus interesses. O culto tinha prioridade ao testemunho e, através dele, os religiosos podiam se esforçar para receberem a salvação divina.

⁸ HARRINGTON, W. *Chave para a Bíblia*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 585.

O culto grego a Dionísio também foi difundido por toda região mediterrânea e, entre os seus sacerdotes e fiéis, não havia temor ao pecado. De um lado, os homens dançavam e profetizavam o arrebatamento corporal; do outro, as mulheres histéricas mergulhavam seus cabelos na água, em reverência ao deus que podia arrebatá-las a qualquer momento. Outros cultos, como na Frígia, por exemplo, a Átis e Cibele, eram regados a vinho; os fiéis acreditavam que pelo êxtase da embriaguez se podia fazer a experiência de Deus. A promessa da salvação nas religiões dos mistérios vinha acompanhada de rituais, embriaguez e êxtase.

A diferença entre estas religiões e o Cristianismo está na conquista da salvação. Não é pelos rituais de iniciação que se tem acesso ao Reino de Deus, mas pelo Kerygma, isto é, o testemunho. A salvação, do ponto de vista cristão, é ensinada e celebrada como pura Graça. Ao falar dos falsos mestres e profetas, provavelmente Judas está se referindo aos mistagogos responsáveis pelos rituais de iniciação, pois estes exerciam forte influência teológica principalmente junto aos neófitos cristãos.

Uma teologia soteriológica

A teologia busca revelar o *Deus absconditus* ao colocar a pergunta sobre a ação divina na história da humanidade. Esta fé, emprestada do judaísmo, é inspirada no Antigo Testamento. Aqui, certifica-se que, contrário a muitos gnósticos, que exaltavam o Novo Testamento em detrimento da lei e os profetas antigos, Judas preza pela unidade. Deixa claro que a ação de Deus, através de Jesus Cristo e sua igreja, é uma Boa Nova, já anunciada no Antigo Testamento e se manifesta como libertação: os eleitos são libertados do cativeiro dos ímpios.

A nova igreja, com fundamentos sólidos sobre Jesus e os apóstolos, deve manifestar o Espírito Santo de Deus para que a face da terra seja renovada. Diferente de Tiago, Judas, em poucos versículos, cita várias vezes o nome de Jesus Cristo e, com isso, indica que se no passado Deus libertou seu povo, falando através da lei e os profetas, agora a salvação aparece de forma escancarada numa pessoa cujos testemunhos de salvação dependem dele. É através de Jesus que as pessoas recebem a graça de participar do Reino eterno. Assim, confessar Jesus como o Cristo de Deus é recordar os ensinamentos dos apóstolos e dos profetas que prepararam a sua vinda a fim que todos pudessem discernir a verdade, renunciando ao mal e denunciando os erros de doutrina acerca da revelação. A teologia de Judas é, neste sentido, profética e soteriológica na medida em que denuncia tudo aquilo que tenta impedir a revelação de Deus à humanidade, através de Jesus Cristo.

Para uma aplicação do texto, é fundamental olhar para a igreja hoje e perguntar se a demanda não se limita aos rituais dos mistérios que buscam o arrebatamento sem se importar com um Deus que se revela e se faz pessoa em Jesus Cristo; espera-se a salvação como pura Graça de Deus ou, de forma desesperada, procura-se comprá-la como se fosse

um produto comercializado no mercado de capitais? A epístola de Judas provoca a uma seria reflexão existencial: o que de fato pode interessar nesta vida?

O que importa é a salvação e esta se apresenta em Jesus Cristo, o profeta sobre o qual se funda o cristianismo e a Igreja. Como bem escreve Bonneau, a Igreja tem o dever de defender esta verdade:

não é, de maneira nenhuma “o ópio do povo”, uma droga que serve para esquecer os males, nem mesmo um bálsamo, o produto de uma ideologia puramente conservadora, cuja aplicação permite suavizar na superfície as feridas para melhor se comprazer na miséria humana. Não! A Igreja profética é, ao contrário, a vitamina do povo, seu sopro e seu dinamismo, um catalizador que desperta para a ação e para a mudança, uma força revolucionária. Nesse sentido o cristianismo deve assemelhar-se a um vinho novo de gosto cheio de sabores da fruta, refrescantes e suaves.⁹

É na defesa da verdade que a Igreja se torna profética, capaz de discernir o caminho da salvação. Esta verdade é Jesus Cristo e nele a comunidade caminha na obediência e na justiça.

Para concluir, faz-se necessário colocar uma pergunta importante para a igreja hoje e que, à luz da carta de Judas, se pode encontrar uma resposta: como discernir uma mensagem capaz de orientar ao amor, diante de discursos que escondem interesses próprios, sem preocupação social?

A carta de Judas remete a vários temas como: o justo e o ímpio; os verdadeiros e falsos mestres; a salvação como graça divina e os interesses puramente humanos como pedra de tropeço e perdição. Porém, traz uma orientação pastoral, apresentando à comunidade uma reflexão acerca da coerência cristã. A carta deixa transparecer que a melhor forma de conhecer os “negadores” de Deus é prestar atenção em seus discursos que geralmente são desprezados de valores como: humildade, renúncia de si e alteridade.

Retomando o esquema da carta, Judas exorta os cristãos a não só anunciar Jesus Cristo, mas a renunciar o mal e denunciar tudo que contradiz a pura doutrina cristã. Apesar da desobediência dos ímpios, Deus é o soberano e age em favor daqueles que lhe são fieis, até o fim.

Referências

BÍBLIA SHEDD. São Paulo: Vida nova; Brasília: SBB, 1997.

BONNEAU, Guy. *Profetismo e Instituição no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003.

HARRINGTON, W. *Chave para a Bíblia*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

⁹ BONNEAU, 2003, p. 282.

LOHSE, E. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2000.

MESTERS, Carlos. *A Bíblia na Nova Evangelização*. Rio de Janeiro: Cadernos CRB, 1990.

RADMACHER, Earl; ALLEN, Ronald; HOUSE, Wayne. *O Novo Comentário Bíblico NT, com recursos adicionais: Palavra de Deus ao alcance de todos*. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010.

VINE, W. E.; UNGER, M. F.; WHITE JR, W. *Dicionário Vine*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.